

# Migrações internacionais, gênero, redes étnicas e irmandades culturais: aspectos da emigração de brasileiros para a Itália

João Carlos Tedesco<sup>\*</sup>  
Elizabeth Nunes Maciel<sup>\*\*</sup>

## Resumo

O texto analisa aspectos do fenômeno migratório de trabalhadores brasileiros para a Itália. Enfatiza o papel das redes formais e informais envolvidas no processo, bem como horizontes afetivos e culturais que ligam os espaços de origem aos de destino.

*Palavras-chave:* Imigração. Itália. Redes. Cultura.

## Introdução

Nas últimas décadas a geografia mundial se desterritorializou de uma forma rápida e com a mesma intensidade continua se reterritorializando. Esse processo é tão importante que, em vez de nações, fala-se mais em fluxos que atravessam o mundo (fluxo de imigrantes, turistas, refugiados, tecnologia, capitais, imagens midiáticas, ideologias, lutas sociais...). Em termos culturais, fala-se muito em tráfico de culturas, ou seja, um mundo em movimento, espaço de interações e de

<sup>\*</sup> Doutor em Ciências Sociais, professor do Mestrado em História da UPF.

<sup>\*\*</sup> Mestre em Ciências Sociais, professora da UPF.

trocas culturais, de transformações da tradição (não seu fim, mas em seu deslocamento, despersonalização e em sua “desritualização”, como diz Giddens).<sup>1</sup> Como forma de reação a esses fluxos e trocas culturais, desenvolvem-se ideais de separação, de segregação étnica, espacial, neorracismos, de defesa da identidade, de culturas, fundamentalismos e purezas étnicas.<sup>2</sup>

Migrações internacionais assumiram importância e complexidade crescentes no que diz respeito às características, à temporalidade dos fluxos, destinos migratórios, formas espaciais dos deslocamentos.<sup>3</sup>

A Itália é um país que vive essa ambiguidade: acostumada, historicamente, a ser um viveiro de emigrantes, está se tornando, nas últimas duas décadas, um país de maior índice de entrada de fluxos migratórios. Por isso, enfrenta uma série de problemas, de tensões internas; delibera sobre políticas públicas de controle e seleção de fluxos; tem dificuldade para compreender essa nova realidade inevitável e irreversível, bem como de conviver com os estrangeiros.

O estrangeiro sempre carregou consigo uma imagem, uma “figura” ambivalente; aliás, é expressão da ambivalência e contraditoriedades das relações sociais: é vizinho, mas é e está distante, exerce fascínio e temeridade, incluso e excluído; revela mudanças e desejos, estratégias de imutabilidade

cultural e social, de comportamentos e comunicação.<sup>4</sup>

Bauman<sup>5</sup> fala da “sociedade da incerteza”, das “vulnerabilidades de grupos sociais na atualidade”, das quais os imigrantes e as minorias étnicas são expressão e são, também, em geral, percebidos como os grandes responsáveis pelas mazelas e rupturas da coesão e integração social; seriam a causa da precarização social que caracteriza o dito pós-fordismo nas economias desenvolvidas e a exclusão social nas sociedades empobrecidas.

As idéias de xenofobia e racismo estariam em correspondência com estratégias de identidade coletiva e limites nacionais diante das tendências anômicas do mundo globalizado atual e da fragilidade dos meios de integração social. Há uma intensificação nas concepções do “nós” e dos “outros”.<sup>6</sup> A redefinição e/ou ruptura do Estado social (*welfare*) em muitos países desenvolvidos produz o temor de perda de condições e de vantagens/conquistas. Esse é um dos horizontes da dita “vulnerabilidade do tecido social”. Desse modo, o “outro”, o imigrante em especial, estaria contribuindo para a absorção do pouco que ainda resta dos antigos benefícios.

É nesse cenário de tensões e conflitos em torno da realidade migratória mundial que redes étnicas, associações, políticas públicas, redes empresariais, agências de intercâmbios surgem e se

desenvolvem com a intenção estratégica de proteção, controle, prioridade e seleção dos fluxos migratórios.

Partidos políticos, como a Lega Nord, acordos entre cidades do norte e nordeste da Itália com outras do sul do Brasil, viabilizam os ditos *gemellaggios* (cidades gêmeas), os quais vinculam redes étnicas, pertencimentos culturais; fazem mediação para a dupla cidadania; criam condições para a emigração de fluxos de trabalhadores do Brasil para determinadas regiões da Itália.

Queremos analisar e problematizar esses aspectos no presente texto.

## Um mundo em movimento...

Registra Martine<sup>7</sup> que o número de pessoas que residiam num país diferente do de nascimento passou de 76 para 175 milhões (dados da ONU, 2002) e estima-se que em 2006 tenha sido em torno de duzentos milhões (ONU, 2007), soma que atinge o todo da população italiana, francesa e alemã; 64 milhões estão na Europa, 53 milhões na Ásia, 44 milhões nos EUA, 17 milhões na África, seis milhões na América Latina, cinco milhões na Oceania. Os países mais ricos passaram de 35 milhões em 1960 para 120 milhões em 2005, triplicando a cota de estrangeiros. No caso da Europa, os dados indicam fenômenos migratórios concentrados em alguns dos grandes

países: Rússia 12 milhões; Alemanha 10 milhões; França 6,4 milhões; Reino Unido 5,4 milhões; Espanha 4,8; Itália 3,5 milhões. Nos países da Europa Ocidental, há 3,3 milhões da ex-Iugoslávia, 2,8 milhões de turcos, 1,2 milhão de marroquinos, 0,7 milhão de argelinos.<sup>8</sup>

Dos seis bilhões e meio de população mundial em 2005, a ONU estima que existam 191 milhões de imigrantes, dos quais 115 milhões (61%) estão nos países mais ricos; o restante, nos em desenvolvimento. A Europa incorpora 34% desse fluxo e a Ásia, 28% (ISTAT, 2006).

A Itália, que é o nosso foco principal, já incorpora em torno de 3.700.000 mil imigrantes, 5,5% da população do país; acrescentando os irregulares, atinge-se 7%, estimando-se em sete milhões para 2020. Projeta-se que o país terá, em 2015, o maior número de imigrantes entre os europeus de maior fluxo, ou seja, o campeão mundial de emigração será líder da imigração em menos de um século.<sup>9</sup>

A Alemanha recebeu, em média, na última década, entre 350 a 400 mil emigrantes por ano. Os países europeus mais desenvolvidos precisariam de, pelo menos, 3,23 milhões de imigrantes anuais entre 2000 e 2050 para manter o tamanho de sua população em idades de 15-64 anos nos níveis de 1995; para o Japão, a emigração necessária seria de 647 mil pessoas ao ano e

para os EUA, 359 mil. Para a Espanha manter o equilíbrio demográfico atual necessitaria, até 2030, de em torno de 12 milhões de imigrantes (*ZERO HORA*, 2008, p. 12).

Na Europa, estimam-se em oito milhões os ilegais e projeta-se que crescerão num ritmo de cinquenta mil por ano. Na Itália, estima-se a existência de em torno 800 mil, 570 mil na Inglaterra, 500 mil na Alemanha, 300 mil na França. Em torno de dois mil africanos morrem por ano tentando atravessar o Mediterrâneo para a Europa. As deportações fazem parte da ordem do dia de países hospedeiros. A Espanha, por exemplo, em 2007, deportou em torno de setenta mil, dos quais cerca de cinco mil eram brasileiros (*ESPAÑA*, 2008. NIEM/RJ).

Em torno de 23 mil brasileiros foram expulsos da Inglaterra, Estados Unidos e Espanha juntos em 2006; só a Espanha impediu a entrada de cerca de 7,7 mil brasileiros. O cálculo foi feito segundo estimativa da polícia espanhola, a qual indica que 40% dos 19,2 mil barrados no aeroporto de Barajas, a principal porta de entrada na Espanha, vêm do Brasil. O número total de deportados da Espanha – que inclui todas as nacionalidades – chegou a 99,4 mil em 2006.<sup>10</sup>

Aliás, a Europa como um todo planeja e já está executando processos de “devolução de imigrantes”. A Itália e a

Espanha são expressivas disso. O governo espanhol, por exemplo, declarou que só nesses cinco primeiros meses de 2008 em torno de 97 mil estrangeiros perderam o emprego. A proposta do governo é de mandar de volta mais de uma centena de milhares de estrangeiros. Na proposta está o pagamento de uma espécie de seguro-desemprego aos que a aceitarem, um microcrédito para começar uma atividade no país de origem, pagar passagem de volta, etc.

Segundo informa o governo espanhol, há em 2008 2,3 milhões de desempregados (próximo de duzentos mil só no primeiro trimestre de 2008), cerca de meio milhão são imigrantes. A França e a Itália estão aderindo à proposta, porém centrando mais nos que são considerados irregulares/clandestinos e criminosos; ao mesmo tempo, esses países estão dificultando imensamente a entrada de novos imigrantes (*ZERO HORA*, 2008, p. 23).

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho, a força de trabalho mundial era constituída, em 2006, por em torno de 2,9 bilhões de pessoas, dos quais cerca de duzentos milhões estavam desempregadas. O setor serviços é responsável por 40% desse contingente de trabalhadores; a agricultura, por 39% e a indústria, por não mais de 20%. Segundo a mesma fonte, um em cada dois trabalhadores, cerca de 1,4 bilhões, é pobre e não pos-

sui um trabalho que lhe permita ganhar mais do que dois dólares ao dia. A presença feminina no campo do trabalho já atingiu, em 2006, 1,2 bilhões, porém a diferença salarial, ainda que possa variar de um país para o outro, em relação aos homens, continua sendo estimada entre 30 a 40% inferior. Praticamente essa realidade não se alterou no intervalo de tempo entre 2000 a 2006.<sup>11</sup>

Os países asiáticos concentram, com folga, a maior parte da população mundial, com 63%; 20% entre a América e a Europa e 15% na África e Oceania. Os cinco países asiáticos mais populosos (China, Índia, Indonésia, Paquistão e Bangladesh) somam a metade da população mundial (a China com 1,3 bilhões e a Índia com 1,2 bilhões); a União Européia, com 27 membros, não alcança meio bilhão; os EUA estão próximos aos trezentos milhões.<sup>12</sup>

A OIT estima que são em torno de vinte milhões os africanos emigrados nos últimos 15 anos, e que em 2015 poderão ser mais de 10% de sua população que viverá no estrangeiro. Questões ligadas ao precário desenvolvimento econômico, ao crescimento da população, ao problema da alta difusão do HIV, conflitos políticos e religiosos, as guerras civis, as questões de discriminação de gênero, dentre outros aspectos, estão no rol das causalidades.

Segundo o Dossier da Caritas Imigrantes (2007), em 2006 já são mais de duzentos milhões os imigrantes espalhados pelo mundo. Alguns países, como o México, já alcançaram em torno de 306 mil/ano; China 330 mil; Índia 241 mil; Filipinas 180 mil; Paquistão 167 mil; Indonésia 164 mil. Os dados demonstram uma evolução sem precedentes desse processo nos últimos anos. Só para termos uma idéia, a guerra no Iraque já produziu uma cifra superior a quatro milhões de requerentes de asilo; há no mundo mais de dois bilhões de pessoas ameaçadas de êxodo em razão das ameaças de mudança climática; a possível desertificação de regiões poderá produzir, nos próximos dez anos, no mínimo, cinquenta milhões de retirantes ambientais (DOSSIER, 2007, p. 19).

Em 2006 foram expulsas e repatriadas da Itália mais de cem mil (Dossier Statistico, 2007); de 1999 a 2006, a média manteve-se em torno de 115 mil; só em 2006 foram 1.582 os mortos, vítimas da imigração clandestina, que apareceram na costa marítima. Entre 1988-2006, as vítimas foram 8.153, sendo 6.012 afogadas no Mediterrâneo e Atlântico. As tragédias com embarcações precárias, clandestinas e sem as mínimas condições de segurança, organizadas em geral por grupos mafiosos, fizeram mais de quatro mil vítimas também no canal da Sicília, no mar Egeu e no Adriático juntos.

Em 2006, desembarcaram 22.016 imigrantes ilegais na Costa do sul da Itália (21.400 na Sicília), grande parte dos quais permanece nos Centros de Permanência Temporária (CPT) para, após, serem identificados (quando possível), sendo, em geral, reenviados aos seus países. O atual governo Berlusconi já anunciou uma “limpeza” desses centros no sentido de encontrar saídas jurídicas e políticas “eficazes” para o repatriamento.

Na Espanha, o número de brasileiros mais que dobrou nos últimos três anos. Segundo estimativas da ONG SOS. Racismo, havia cerca de trinta mil brasileiros no país em 2005; em 2007, seriam oitenta mil, um aumento de 166%. Nos Estados Unidos, os brasileiros são a segunda nacionalidade com maior origem de clandestinos. Em 2000, o número de brasileiros sem documentação somava cem mil; em 2006, eram 210 mil. O aumento de 110% no período só é inferior ao registrado pelos indianos, de 125%. Na Grã-Bretanha, os brasileiros são a nacionalidade mais barrada nas fronteiras há três anos consecutivos.<sup>13</sup>

No mês de junho de 2008 foi aprovada pela União Européia uma lei que endurece o tratamento aos imigrantes ilegais, a qual passará a vigorar a partir de 2010. Esta lei prevê prisão de até 18 meses para pessoas encontradas em situação irregular em qualquer dos

países do bloco. Na Itália a lei denominada “Pacote de Segurança” está promovendo ações que estão sendo imensamente criticadas pela ONU e outros países por desrespeitarem direitos e convenções internacionais, principalmente em relação aos ilegais, indocumentados, os ROM (ciganos), etc.

Antes mesmo de essa lei ser aprovada, nos primeiros cinco meses de 2008, a França já expulsou 14.600 imigrantes ilegais, comparados aos 8.117 dos primeiros cinco meses de 2007 (*ZERO HORA*, 2008, p. 36).

Segundo o Itamaraty, há em torno de duzentos milhões de imigrantes brasileiros ilegais que vivem nos 27 países da União Européia,. A mesma fonte indica em torno de setecentos mil os imigrantes legais nessa região. Os países de maior absorção são Portugal e Grã-Bretanha, ambos com 150 mil cada; Itália, com 130 mil; Espanha, com 100 mil; Alemanha, com 46 mil, Bélgica com 43 mil, e França, com 30 mil (*ITAMARATY* apud *Zero Hora*, 2008, p. 16).

Centenas de milhares de imigrantes são sazonais. Esses quase não aparecem nas cifras oficiais; muitos retornam ao país de origem ao término da sazonalidade e/ou dos contratos de trabalho, porém muitos permanecem como indocumentados. Países como Japão, EUA, Alemanha e mesmo e Itália demonstraram isso. Nos EUA, por

exemplo, em torno de 980 mil migram para trabalhos sazonais por ano.<sup>14</sup>

Os governos da Europa e EUA supervalorizam a possibilidade de controlar os fluxos. A Itália é o paradigma do epicentro do declínio geopolítico, demográfico e econômico europeu: perdeu população, economia e, sem os imigrantes, baixaria ainda mais. Roma e Milão são os grandes epicentros, um estrangeiro em cada cinco; 60% de concentração no norte do país, 27% no centro e 12% no sul (em cada dez imigrantes, cinco são europeus, em geral do leste, dois africanos, dois asiáticos e um latino-americano; 33% são muçulmanos, 50% cristãos; 70% são jovens entre 15 e 44 anos) (ISTAT, 2007).

A quantia de dinheiro enviada por emigrantes latino-americanos e caribenhos para suas famílias aumentou em 139% nos últimos cinco anos, passando de US\$ 23 bilhões em 2001 para US\$ 55 bilhões em 2005 (BID).<sup>15</sup> Um estudo do BID em 19 países da América Latina e do Caribe mostrou que as remessas superam os investimentos diretos estrangeiros, a ajuda multilateral e pagamento de juros sobre a dívida externa. O BID calcula que o equivalente a 450 bilhões dólares de remessas afluirá à região no curso da próxima década.<sup>16</sup>

Os emigrantes brasileiros teriam enviado próximo de seis bilhões de dólares em 2004 e 7,4 bilhões de dólares em 2006. Em 2007, as remessas en-

viadas ao Brasil caíram alguns pontos percentuais (de 7,4 bilhões de dólares em 2006 para 7,08 bilhões em 2007). Acredita-se que a redução seja fruto da melhora da economia brasileira, do aumento do real em relação ao dólar, da desaceleração da economia americana e do combate a imigração ilegal.<sup>17</sup>

### A ideologia de pertencer: hospitalidade pragmática e irmandades culturais

A partir da década de 1980, o consumo cultural e étnico passou a ser mais visível; a identidade étnica passou a ganhar contornos de distinção, cultura *de* e *com* origem, como capital cultural incorporado por um grupo que se diferenciava.<sup>18</sup>

A italianidade passa a ser reivindicada e realimentada pela dimensão do trabalho, a ascendência negociada e priorizada. A Lega Nord, em especial, contribuiu muito nesse sentido, criando vínculos, produzindo imagens e representações de uma Itália saudosa e que valoriza a discursividade que se está reimprimindo, essencializando a dupla cidadania como força, *maná* (força emotiva e criativa), para enfrentar os problemas cotidianos de estar num país estrangeiro. A emigração para a Itália de descendentes de italianos talvez crie condições para a reavaliação e ressignificação de seu pertencimen-

to, pois o imigrante é, sim, concebido como mercadoria pelas várias expressões do capital e, desse modo, encontra barreiras que se fecham e se abrem em razão de conveniências e interesses.

A Lega Nord intermedeia, por intermédio de suas agências mediadoras no sul do Brasil, a emigração de centenas de trabalhadores para empresas e o meio rural das regiões do Vêneto e Lombardia. A mesma prioriza a seleção de famílias, pois delimita nesse horizonte trabalhos de gênero (as mulheres atenderiam as famílias nos cuidados de saúde e limpeza, e os homens, nas atividades empresariais e na agricultura). Catalogamos, em pesquisa de campo, 38 gemellaggios e 32 células de redes associativas nos três estados do sul do Brasil, totalizando em torno de 680 imigrantes que foram mediados por essas entidades.

Vimos que há um conjunto em rede, muitíssimo bem articulado, que produz a “indústria” das emigrações, facilitando entradas; um comércio paralelo internacional muito lucrativo, escondido atrás de agências de viagens, de ofícios que falsificam documentos e moradias provisórias, que são invisíveis aos olhos dos consulados. Aliás, estes percebem os imigrantes, principalmente os ilegais, com desconfiança, desprezo, com olhar discriminatório, como sujeitos sem direitos e sem assistência.<sup>19</sup>

As redes étnicas, no interior do processo migratório, recompõem laços comunitários, sentimentos e etnicidades. Estas últimas podem interessar a grupos políticos, empresariais, à esfera pública, assim como podem ser expressão de estratégias de sobrevivência de grupos, como símbolo que classifica e diferencia socialmente determinados grupos, além, é evidente de agregar valor e transmitir o “sangue que corre nas veias” (*jus sanguinis*). Esse processo candidata imigrantes para se inserirem mais facilmente no espaço hospedeiro.

Há uma contracorrente emigratória de *oriundi* em direção a locais onde possivelmente ainda residem parentes e onde há a possibilidade de formação de uma rede de apoio que auxilie a inserção e a permanência, ainda que temporária (o caso da emigração brasileira pós-anos 90 e o da Argentina pós-anos 2000 atestam isso); pode significar a perda da “diversidade legal”; permite aquisição de direitos políticos e participação na vida comunitária; diferencia os dos extracomunitários; colaboração para uma Itália multicultural.<sup>20</sup>

Como a dupla cidadania é obtida pelo atendimento a alguns requisitos jurídicos, ganha conotação burocrática, sem tanta ligação e integração com o país que não é mais hospedeiro (juridicamente, o duplo cidadão é também membro); é uma espécie de pertenci-



mento formal ao âmbito nacional. Na realidade, o que se apresenta é uma cidadania de reserva, é um “familismo legal”, de distantes raízes, o qual não garante uma persistente integração cultural e política, nem se exige isso para sua efetivação jurídica,<sup>21</sup> ou seja, não há projetos de envolvimento cultural de sentimento de pertença, uma comum identidade. É apenas uma oportunidade instrumental para o mundo do trabalho, para passagem para outros países de mercado de trabalho mais promissor (EUA, Inglaterra e Espanha, por exemplo).

Essa dimensão do retorno dos *oriundi* pode ser considerada um retorno dos que nunca foram/estiveram; são contextos de expressão distinta. Ainda que imigrantes sejam descendentes, seus horizontes culturais e espaciais são diversos. Como diz Kawamura, esses *oriundi* acabam sendo uma população que atende às necessidades raciais e ideológicas de esfera política, das demandas do mercado de trabalho como força barata, não qualificada e, de certa forma, controlada.<sup>22</sup>

Sabemos que as identidades são negociadas, exterioridades e interioridades não apenas se complementam. As noções de pertencimento étnico são ressignificadas pela presença e expressão de agentes interétnicos inseridos em redes que estão localmente sedimentadas, mas que se alastram para além delas. Desse modo, descendentes

de italianos manipulam sua identidade no mercado de bens simbólicos locais, fazendo uso desta enquanto capital cultural que elabora distinções sociais.<sup>23</sup>

As noções de comunidade e de proximidade são importantes para tornar legítimo o espaço e os tempos da memória – daí os muitos *gemellaggios!* Desse modo, a memória coletiva é caracterizada por um intenso componente afetivo, que nasce da estreita interação e seu conseqüente intercâmbio de experiências entre os membros de grupos presumivelmente em pertencimento.

O grande projeto intitulado Vêneto Community é um desses que agregam forças e representações de várias ordens na região do Vêneto no sentido de valorizar, resgatar e fortalecer a chamada “cultura veneta” “espalhada pelo mundo”. Vinculado a ele está a idéia do Projeto Rientro, o qual também objetiva manter e facilitar o retorno e a inserção no território do Vêneto aos cidadãos italianos emigrados nascidos na região: “Garantir a manutenção da identidade vêneta e melhorar o conhecimento da cultura de origem [...], desenvolver iniciativas culturais [...], organizar processos de equilíbrio entre oferta e demanda de trabalho na referida região.”<sup>24</sup> Segundo Zanon (assessor regional para Assuntos de Imigração - Vêneto),

para Junta Veneta, o tema do retorno dos imigrantes vênnetos no Vênneto é de fundamental importância, retorno que se configura como uma prioridade política e um dever moral para o governo da região [...]. São prioridades as quais os vênnetos terão de responder a uma dívida histórica, política e cultural com relação aos milhões e contemporâneos que, no século passado, tiveram de deixar suas terras [...]. Hoje empreendedores vênnetos solicitam a viva voz a disponibilidade de mão-de-obra em suas empresas.<sup>25</sup>

Ao que nos pareceu, a lógica econômica alimenta-se de uma lógica étnico-cultural e/ou vice-versa. O subprojeto chamado Ritorno do Lavoro está em correspondência com as iniciativas anteriores, sendo promovido pela Fondazione Giacomo Rumor e financiado pelo Ministério do Trabalho e da Província de Vicenza. Busca viabilizar trocas econômicas: “Nós daqui e vocês de lá do oceano, todos italianos somos”, presidente da AMESNE (Associação dos Municípios da Encosta Superior do Nordeste do Estado Rio Grande do Sul, em assinatura de um protocolo de intenções com a Província de Vicenza para trocas econômicas e empreendedórias). “Queremos sentir que a Itália nos é vizinha”, disse o vice-governador Holffeldt na época à delegação de Vicentinos no Mundo.<sup>26</sup>

O administrador da região referiu-se ao passado migrante da Itália para o Brasil dizendo que “desejo que a vossa estrada seja menos dura da-

quela afrontada pelos vossos bisnonos quando deixaram as nossas terras para buscar fortuna no sul da América”.<sup>27</sup>

Numa forma mais pragmática, “devemos dar uma casa aos imigrantes”, disse Manuela Dal Lago, presidente da Província de Vicenza ao se referir à necessidade de dar trabalho e casa para jovens descendentes de vicentinos que manifestam desejo de ir à Itália, “e nós somos emprenhados a facilitar essa obrigação”.<sup>28</sup>

Inúmeros *gemellaggios*<sup>29</sup> acontecem e são acordados entre cidades do Vênneto e do Brasil meridional.

O RS é aquele estado que nos últimos anos tem registrado o maior desenvolvimento de toda a federação e é rico de pequenas e médias empresas [...]. O acordo alegra o Brasil e também nós, e a escolha não foi casual [...]. [O acordo] tem o objetivo de permitir percursos concretos relativos a casa, ao trabalho, a aposentadoria e a simplificação burocrática para os vênnetos que decidirão de retornar ao Vênneto.<sup>30</sup>

Os textos analisados, tanto de revistas como de jornais, analisados enfatizam o cidadão oriundo do Vênneto como trabalhador, com uma certa autocentralidade étnico-cultural vênneto tanto na Itália pós-unificação quanto fora (formada por vênnetos que moram no Vênneto e mais cinco milhões que vivem em todo o mundo)<sup>31</sup>, em outras palavras, valores da “identidade vênneto”, comunidade vênneto no mundo com certo purismo racial, cultural e genético

extemporâneo, imutável e reificante!). É nesse sentido que as inúmeras políticas de “retorno de italianos espalhados pelo mundo” não promovem alterações no quadro que dá a performance do imigrante na Itália. O caso de brasileiros não é diferente. A dupla cidadania transforma-se numa espécie de “cidadania de reserva”. Dados informam que mais de meio milhão transformaram-se em italianos nos últimos 15 anos e que houve retorno de mais em torno duzentos mil italianos.<sup>32</sup> Os descendentes de italianos que uma vez, nas primeiras décadas do século 20, eram esperança de transmitir valores e dimensões políticas da Itália no estrangeiro, nas últimas décadas passaram a ser requisitados para o mundo do trabalho no país que nunca estiveram, uma espécie de retorno – *rientro* – dos que nunca saíram.

Temos convicção de que as distantes raízes não garantem processos de integração cultural e política; entregar um passaporte ou permitir possibilidade de votar não garante outras formas de inserção mais equânimes e humanas no cenário hospedeiro; ser um duplo cidadão e estar mediado por instituições promotoras de políticas de *retorno* também não produz grandes resultados em termos de inserção vantajosa para os imigrantes. Se isso produz algum resultado é, sem dúvida, em torno de processos de diferenciação interna entre imigrantes, entre os

“protegidos” e os desprotegidos, ainda que os protegidos no início (tempo de contrato do acordo) possam se tornar desprotegidos amanhã, pelo fato de resolverem permanecer no país como irregulares.

O que se evidencia é uma espécie de mito de um retorno produtivo, de que os descendentes retornem com dinheiro e qualificação para contribuir com a economia e a riqueza do país; ou, então, a Itália se move ainda mais como se fosse no passado, ou seja, um país de emigração, interessada em recuperar emigrantes italianos no estrangeiro como componentes por inteiro da própria comunidade política.<sup>33</sup>

Não temos dúvida de que essa realidade promovida pelas políticas de dupla cidadania busca auxiliar no controle e seleção dos fluxos migratórios para a Itália; viabilizar acordos para reduzir ou para incentivar os fluxos, extinguir outros, privilegiar alguns, podendo ser temporários e/ou permanentes. É uma espécie de sistema de quotas diferenciadas por nacionalidades e selecionada entre regiões, tipologias de imigrantes étnicos, os “toleráveis”, seletividade, bloqueio de clandestinos, autoridade do Estado e das políticas de/no controle dos fluxos; restrição a outros tipos de fluxos (de não qualificados, de outras nacionalidades e etnias); manter relações com a mãe-pátria, incentivo de retorno, reduzir a preocupação, a ideologia da

“emergência imigração”, do alarmismo; reduzir as normas ineficazes e excessivamente liberais que tornam possível uma *invasão* de imigrantes (como esforço de “gestar a crise”, provocada pelas migrações irregulares/clandestinas); selecionar e orientar deliberadamente uma rede de garantias de assistência, de normas humanitárias dos programas do debilitado *welfare* liberal; um incremento populacional negociado e com vantagens socioeconômicos em seu tratamento diferenciado; sobreposição da força política e econômica das regiões norte/nordeste; reduzir a vulnerabilidade do mercado de trabalho e sua correlação com a economia informal, dentre outras; dar visibilidade a comunidades/subcomunidades, ou seja, indivíduos que carregam determinada “cultura de origem” (no caso veneta e/ou friulana), ainda que seja de conacionais (familiares, parentes, amigos...).

### O gênero na imigração: redefinições de papéis

Compreender os processos migratórios internacionais na atualidade significa, ao mesmo tempo, compreender a realidade social e cultural de gênero na sociedade atual, ou seja, as questões de gênero auxiliam na compreensão de grandes aspectos do fenômeno migratório tanto no espaço de origem

quanto no de destino. Identidades, alteridades, diferenciações, representações se deslocam e movimentam ações no interior do processo ou são partes constituintes do mesmo.

As migrações internacionais são vistas como constituídas por trabalhadores homens; a representação social do sujeito envolvido continua sendo o homem. No entanto, sabemos que o processo migratório, entre algumas nacionalidades, possui predominância feminina.<sup>34</sup>

Pouco se fala das questões de gênero no processo migratório, assim como especificamente das mulheres, a não ser para enquadrá-las em algumas dimensões negativas, como a prostituição; são quase invisíveis ou agrupadas nas mesmas dimensões que os homens, porém em processo de dependência.

Aumentou em muito o número de mulheres que migram nos últimos anos.<sup>35</sup> No caso brasileiro, os dados já estão quase se equiparando no fluxo para a Itália, com leve preponderância masculina. Ainda que prepondere o ingresso masculino, a presença feminina, em 2000, atingia 46% do total global dos imigrantes. Em dezembro de 1999, num total de 1.252.994 *soggiorni* registrados, 46,3% eram mulheres. Esse índice vem aumentando: de 1994 a 2004 houve um incremento de mais de 35% no ingresso feminino na Itália.<sup>36</sup>

Os baixos salários no país de origem, somados às condições de subal-

ternizadas em vários campos sociais, a necessidade de acompanhar a rede familiar que migrou, dentre outros aspectos, fazem da emigração feminina uma dinâmica de forte intensidade e reconhecimento.

No Norte e Nordeste da Itália, a ocupação feminina no esquema *part-time* aumentou consideravelmente, principalmente no setor terciário. Isso tem muito a ver com a imigração, tanto pela sua inserção quanto por ter possibilitado a inserção de mulheres autóctones que se desincumbiram de atividades domésticas. A presença feminina nesse setor caracterizou um aumento do *part-time* e seu próprio mercado. Dos 250 mil novos postos de trabalho criados em 2000 no Vêneto, 60% caracterizam-se pela forma de contrato de trabalho em tempo determinado. A intensidade da presença feminina imigrada para essa região expressa essa realidade.<sup>37</sup>

A presença de mulheres estrangeiras em trabalhos domésticos favorece a progressiva entrada das mulheres autóctones no mercado de trabalho; intensifica no interior das famílias as profundas mudanças culturais no interior das identidades de gênero no âmbito familiar/afetivo; colabora para efetivar, no interior da sociedade hospedeira (e para eles), a refutação da chamada “ideologia da domesticidade”. Nesse sentido, não há dúvida de que as mulheres rearticulam, em escala trans-

migratória, os valores afetivos, familiares e o agregado doméstico, deslocando as funções de reprodução social que antes eram expressivas de contextos restritos: mulher, mãe, devoção familiar, transmissão afetiva, cuidados da saúde, maternidade, solidariedade...<sup>38</sup> Diz Décimo que as mulheres tendem a redesenhar estratégias familiares, capazes de deslocar, reativar em escala global os costumeiros circuitos de trocas afetivas e sociais. A memória, a lembrança e a saudade estão sempre ativas.<sup>39</sup>

Sabia que era difícil, pra mim, ter de pensar em português e tentar encontrar as palavras em italiano. Eu entendia mais do que falava, por isso ficava quieta, falava pouco. Com o Luigi (o “nono”) era mais fácil porque o dialeto se entendia, mas com os filhos e netos era um problema. Mas esse era um detalhe, os outros eram piores; tive de mudar minha vida, pois nunca pensei em ser empregada doméstica, entrar na vida, nas casas dos outros, de gente rica e fora do meu canto, de minha casa, minha nossa! [...]. Deixei tudo e enfrentei com o espírito de alguém que quer vencer, sempre pensei que depois de tudo isso, tudo o que viesse era lucro. Tinha vez que me sentia em dois lugares, outras vezes em lugar nenhum, dividida, cheia de saudade e com raiva de estar aqui, nem eu me reconhecia mais quem eu era e quem agora to sendo, meu Deus do céu pensava, como mudou minha vida e conversava com uma e outra, rapazes mesmo e a gente sentia que todos pensavam assim, algum dizia que aqui tava ruim, outros que tava bom, víamos que todos está-

vamos deslocados, mas que tínhamos criado alguns laços aqui e isso era bom porque sempre em todo o lugar temos alguém para contar (Entrevista direta com imigrante oriunda do Sul do Brasil).

O cenário subjetivo da emigração demanda uma mínima sustentação de redes e/ou uma cadeia que seja expressiva de segurança e conforto.<sup>40</sup> Indivíduos, instituições oficiais, mediações informais, grupos, demandas e ofertas vão produzindo espaços, criando vínculos, maximizando relações, definindo a identidade e/ou identificações de imigrantes trabalhadores(as) em situações heterogêneas.

Não há dúvida de que as questões de gênero são importantes na configuração dos fluxos migratórios: mercado salarial, filhos no interior do grupo doméstico, hierarquia e desigualdade, sustentação, mediação, proteção... Encontramos algumas brasileiras que eram casadas e emigraram para a Itália deixando esposo e, algumas delas, os filhos no país.

Foi uma decisão difícil, mas encarei; não estavam bem as coisas entre nós; duas vizinhas vieram e me mandei também [...]. Meu marido me fez propostas e mais propostas, inclusive de acabar com tudo, mas e os filhos? Enfrentei; convenci ele que seria para experimentar e depois eu levaria todos, que seria melhor pra nós e mais futuro pros filhos. A gente pensa sempre neles também [...]. Hoje sei que acertei porque ele entende; já faz sete meses e tamo pensando em vir todos pra cá,

tenho saudade, mas aprendi muita coisa, amadureci (Entrevista direta com imigrante oriunda do Sul do Brasil).

O depoimento demonstra a esfera familiar como espaço de conflito e de negociação, hierarquias e desigualdades, estratégias de afrontamento da autoridade masculina e de superação de papéis no seio doméstico-familiar. A entrevistada deixa claro que afrontou e/ou enfrentou a autoridade masculina, vinculou-se a redes de vizinhança e amizade e selou a proposta de, com o passar do tempo, incorporar o marido e filhos no projeto efetivo da imigração.

Em pesquisa de campo que realizamos em Criciúma - SC e Veranópolis - RS, constatamos algumas famílias em que a mulher migrou, outras que posteriormente se incorporaram na Itália, outras que se divorciaram em razão da imigração e/ou emigraram em razão do falimento do casamento. Vimos que, realmente, os maridos não aprovam a emigração da esposa; ainda que as remessas sejam importantes (e talvez por causa disso), eles se sentem desprestigiados em sua identidade econômico-simbólica de pai/esposo. A simbologia do sucesso e prestígio recai sobre a emigrante, não sobre quem fica. A promessa de recomposição da família, de futuro melhor para os filhos racionaliza e legitima separações físicas temporárias, porém, como mulheres na Itália e maridos de outras no Brasil nos informaram, “muita coi-

sa muda, a distância, a saudade faz a gente pensar se vale a pena, os filhos crescem e tu abre mão disso, a vida em família pelo sonho de ganhar mais dinheiro; é uma vida desgraçada nesse ponto, viu”.

Os cônjuges, em geral pais, alteram seus códigos estabelecidos, principalmente os que legitimam papéis definidos de dominação, de opressão de gênero. Não é fácil, como uma nos disse, “estar fora e querer tomar comando da casa, temos de abrir mão disso; se perde alguma coisa e se ganha em outra”.

Nesse horizonte, estão em jogo múltiplos processos, dentre eles a transnacionalização dos papéis reprodutivos e de gênero, em especial no espaço do trabalho (neste campo a migração não altera grandes coisas), reafirmação e/ou redefinição de *status*, perda desse, prestígio social, notoriedade, poder, delegações a terceiros no cuidado de filhos, na vigilância em torno da fidelidade, a domesticidade, machismo, etc.

A característica de base que relaciona a mulher no horizonte da imigração é a sua ligação com o serviço doméstico em famílias; em segundo lugar, em restaurantes e ofícios públicos; em terceiro, nas empresas. Isso está presente tanto nos grandes centros como nas regiões ricas do norte/nordeste do país.

Estudos de gênero na imigração alertam para a profunda exploração, a total desregulamentação do trabalho, a ausência de uma rede social de serviços, as privações culturais, os assédios masculinos, a debilitada visibilidade institucional e social, a segregação no espaço de trabalho, a total desvalorização do estudo e da experiência profissional, dentre outras questões a que as domésticas estão expostas. Ao mesmo tempo, estudos dão ênfase à remuneração, ao reduzido custo de vida, à possibilidade de fazer poupança, de mandar dinheiro para o país de origem, à estabilidade e permanência maior no espaço de trabalho, situações consideradas favoráveis a esse tipo de trabalho.<sup>41</sup>

Não me arrependo de ter ficado quatro anos em casa de família, aprendi muito; só que sei que não dá pra ficar sempre, tu não agüenta. Tu nunca tem tempo pra ti, nem um canto que seja teu a não ser o teu quarto, mas quem tu trás pro quarto? [...]. Tu acaba sendo tudo pros filhos, quem tem né, eu tinha de cuidar de dois e um idoso que depois morreu. A gente na casa é tudo, faz tudo, te deixam pra fazer tudo, compras, levando filhos pra cá e pra lá, telefonam toda a hora pra saber uma coisa ou outra [...]. Com o tempo, tu quer coisa melhor, onde tu se vira, mas tu já tem experiência né, já fez uns contatos, já ta no país há um bom tempo como era meu caso né; meu sonho é bota uma lojinha de produto brasileiro, o pessoal adora tudo o que se mostra do Brasil (Entrevista Direta com imigrante oriunda do Sul do Brasil).

Deixar esposa e filhos, ou deixar marido e filhos, deixar filhos com avós, deslocar toda a família para espaços novos significa produzir processos de rompimento, redefinições, nostalgias, preocupações, novas experiências, novos desafios, desejos de permanência e de retorno, produzir distanciamentos (amigos, parentes, outros vínculos afetivos) e novas aproximações, solidão, isolamento social, novas relações sociais, faz repensar o conceito de família (comumente mais heterogêneo); pode auxiliar no matrimônio interétnico; assume o desafio de uma dupla mediação entre dois horizontes culturais, revelando-se para alguns como um pequeno laboratório intercultural.

Diz Assis<sup>42</sup> que a realidade da experiência migratória é atravessada por relações de gênero. As mulheres migram não apenas por razões econômicas; há elementos no campo das identidades e representações sociais que determinados grupos e sociedades produzem em torno da mulher e, em especial, da mulher trabalhadora, em geral no campo da discriminação e subordinação. Por isso se compreende por que muitas mulheres migram sozinhas ou são as primeiras a migrar em suas famílias. Quando são maridos que migram, estes auxiliam na transformação empreendedora da esposa, pois lhes confiam o investimento e gerenciamento do dinheiro enviado: “Tocam a casa, os filhos ficam mais delas, não

é porque tão tudo dia junto, por isso que não quero que ela trabalhe, pra que ela compense também minha ausência”, como nos disse um migrante casado que deixou esposa e uma filha de três anos no sul do Brasil.

Rearranjos são necessários no cotidiano das famílias, inclusive das representações: o pai reduz seu poder de autoridade existente até então perante os filhos e a esposa; decisões precisam ser tomadas no espaço familiar, o que recai sobre a esposa. “Não dá pra tu ta aqui e lá ao mesmo tempo. Eu disse pra minha mulher: olha, eu vo pra Itália, é por um tempo, se dá tu vai depois, enquanto isso tu toma conta de tudo. É assim foi, não tem outro jeito, precisamos fazer futuro, é pra ti mesmo”.

Não há a menor dúvida em afirmar que acontecem muitas mudanças na esfera conjugal entre casais imigrantes. O novo cenário impõe novas exigências e produz novas relações, que vão desde o horizonte doméstico, no cotidiano dos casais, concepção do que sempre foi identificado como sendo do masculino e do feminino, padrões de relacionamentos, principalmente os considerados de posição inferior, em que a mulher absorvia e reproduzia, são colocados em xeque; desestabilizam-se formas de pensar e agir de ambos os cônjuges; há uma reconstrução social da concepção de gênero, desnaturalizando as anteriores, podendo, em alguns casos, fazer com que homens se



envolvam mais nos cuidados com os filhos e/ou atividades domésticas.

Enfim...

Por meio de redes se constrói uma “indústria migratória” de negócios em nível internacional tanto de homens como de produtos; aliás, ambos são vistos e tratados como mercadorias (mediados por agentes de viagens, contrabandistas, imobiliárias, comerciantes, financistas, partidos xenófobos, intercâmbios legitimados pela esfera da dita etnicidade. Os processos de civilização e desregulamentação da economia global favorecem esses vínculos, ou, então, são alimentados pelos mesmos, produzem essa “privatização das migrações”.<sup>43</sup>

Estruturas e ações se imbricam nessa realidade, Estado-nação e horizontes globais, aspectos estruturais e culturais, assim como os regionais, nacionais e locais precisam ser entendidos como interagindo nesses processos de mobilidade transnacional.

Se adotarmos para questões mais micro, no campo do gênero, veremos que as mulheres da parte mais rica do mundo, como é visível, podem empenhar-se em sua carreira prodigiosa e preparada, sem que os maridos se ocupem da casa e dos filhos. Isso só é possível porque “outras” mulheres nessas atividades as/os substituem. Esses fatores se combinam com outros no campo sociodemográfico, tais como as demandas de cuidados junto aos idosos

e doentes, ao sistema reduzido do *welfare* em seu sistema previdenciário.

As imigrantes, em especial, integram a intimidade do ambiente doméstico, espaço que manifesta as formas, as práticas e os modelos de nossos hábitos culturais, de classe, de credo, etc. O trabalho doméstico, por exemplo, no interior das famílias não se pode comparar a um trabalho qualquer ou como outros; ele se insere num quadro de relações humanas e, ao mesmo tempo, revela profundos níveis de desigualdades existentes na sociedade. São buscados com o seu trabalho o amor e os cuidados que as *baby sitter* e as que cuidam de idosos possam oferecer às crianças e aos anciãos, “como natural manifestação de sua cultura original, a qual carregam consigo, cultura essa que valoriza as relações familiares, a maternidade, o amor materno como elementos de realização feminina”.<sup>44</sup>

Tensões e conflitos, distanciamentos, pré-juízos, confrontos, resultam dessas concepções, produzindo e simbolizando negativamente grupos ao redor do “problema *immigrazione*”, tão em evidência e legitimando ações pouco edificantes em termos humanos e de direitos sociais, como o evidenciado na Itália e em outros países da Europa, principalmente nos dias atuais (julho/agosto de 2008) em razão da nova lei aprovada no Parlamento Europeu em torno da intensa repressão aos ilegais, criminalizando-os e penalizando-os

ainda mais em termos sociais; estigmatizando-os coletivamente em termos de capacidade de conviverem socialmente.

Os imigrantes acionam um horizonte amplo de relações, círculos sociais são reativados, lugares diversos estão em contato e em sintonia; há uma perspectiva transnacional de pertencimento de locais, experiência de mobilidade, recursos materiais, sociais e culturais que são lançados nos vínculos e que contratualizam simbolicamente grupos (família e outras redes sociais, afetivas, políticas e raciais).

### Abstract

The text examines aspects of the migratory phenomenon of brazilians workers to Italy; emphasizes the role of formal and informal networks involved in this process as well as emotional horizons and cultural linking the space of origin to the destination.

*Key words:* Immigration. Italy. Networks and culture.

### Notas

- <sup>1</sup> GIDDENS, A. *Il mondo che cambia*. Bologna: Il Mulino, 2000.
- <sup>2</sup> Ver HELLER, A. *Dove siamo a casa?* Milano: Franco Angeli, 1998.
- <sup>3</sup> PAVIANI, J. *Globalização e humanismo latino*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- <sup>4</sup> ZANFRINI, L. *Sociologia delle migrazioni*. Roma-Bari: Laterza, 2006.
- <sup>5</sup> BAUMAN, Z. *La società dell'incerteza*. Bologna: Il Mulino, 1999.

- <sup>6</sup> Idem
- <sup>7</sup> MARTINE, G. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005, p. 63.
- <sup>8</sup> MUSCARA, L. Il mondo in diaspora. *Revista de Geopolítica Italiana*, Roma, n. 4, 2007. p. 63-74.
- <sup>9</sup> Idem.
- <sup>10</sup> Informações do NIEM/UFRJ. Notícias divulgadas por Néli Pereira e Anelise Infante.
- <sup>11</sup> DOSSIER Statistico Immigrazione. Caritas/Roma, 2007.
- <sup>12</sup> Idem.
- <sup>13</sup> NIEM/UFRJ, colaborou com os dados o professor de relação internacionais Victor Klagsbrunn da UFF.
- <sup>14</sup> PASTORE, F. La paranoia dell'invasione e il futuro dell'Italia. *Rivista Italiana di Geopolitica...*, 2007. p. 23-34.
- <sup>15</sup> PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados* 20, (57), São Paulo: USP, 2006. p. 7-24.
- <sup>16</sup> MARTINE, G. *A globalização inacabada...*, p. 56.
- <sup>17</sup> Informações do jornal *Financial Times*, divulgadas pelo NIEM com a colaboração de Miriam de Oliveira Santos, Rogério Haesbaert.
- <sup>18</sup> ZANINI, M. C. C.; ZANINI, M. C. C. Identidades negociadas: a ítalo-brasilidade na região Central do Rio Grande do Sul. In: SEYFERTH, G. et al. (Org.). *Mundos em movimento: ensaios sobre migrações*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007. p. 337-355.
- <sup>19</sup> RAMOS, P. S. *Hospitalidade e migrações internacionais*. O bem receber e o ser bem recebido. São Paulo: Aleph, 2003.
- <sup>20</sup> AMBROSINI, M. Gli immigrati stranieri in Lombardia: tra funzionalità economica e difficile cittadinanza. *Politiche del Lavoro*, Milano, n. 21, 1992.
- <sup>21</sup> ZINCONE, G. (a cura di). *Familismo legale: come (non) diventare italiani*. Roma-Bari: Laterza, 2006.
- <sup>22</sup> KAWAMURA, L. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Unicamp, 2003.
- <sup>23</sup> ZANINI, M. C. C. *Identidades negociadas...*, p. 353.
- <sup>24</sup> Sobre as especificidades do projeto em seus vários temas, ver [www.consiglio Veneto.it/leggi/2003](http://www.consiglio Veneto.it/leggi/2003).
- <sup>25</sup> *Vicentini nel Mondo*, ano XLVIII, n. 9, jan. 2001. p. 7.

## Referências

- <sup>26</sup> *Il Giornale di Vicenza*, 3/3/3, p. 12.
- <sup>27</sup> *Il Giornale di Vicenza*, 20/5/00, p. 28.
- <sup>28</sup> *I Giornale di Vicenza*, 28/2/00, p. 14.
- <sup>29</sup> Gemellaggio entre Valdadastico e Encantado. *Il Giornale di Vicenza*, 16/3/95, p. 21, dentre vários outros.
- <sup>30</sup> *Il Giornale di Vicenza*. Palavras do assessor provincial Raffaele Zanon, 20/6/01.
- <sup>31</sup> Para uma análise consistente do material produzido em revistas e jornais do Vêneto sobre os argentinos no contexto do Projeto rientro, ver BERTAGNA, F. *Immigración y “retornados” de la Argentina em Italia desde uma perspectiva regional: política y representación em el Véneto (2001-2004)*. Texto para discussão. Não publicado.
- <sup>32</sup> ZINCONI, G. (a cura di). *Familismo legale: come (non) diventare italiani*. Roma-Bari: Laterza, 2006.
- <sup>33</sup> Idem.
- <sup>34</sup> CORSI, M.; GUELFY, A. *L'Italia invisibile*. Roma: Press University, 2007.
- <sup>35</sup> LISBOA, T. K. Gênero emigrações, trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadores domésticas. *Revista REMHU*. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Ano XIV, n. 26/27, p. 151-166, 2006.
- <sup>36</sup> *Dossier Statistico*. Caritas de Roma, 2002.
- <sup>37</sup> DIAMANTI, I.; MARINI, D. *Nord Est 2001*. Rapporto sulla società e l'economia. Venezia: Fondazione Nord Est, 2001.
- <sup>38</sup> DECIMO, F. *Quando emigrano le donne*. Bologna: Il Mulino, 2005. p. 40.
- <sup>39</sup> Idem, p. 43.
- <sup>40</sup> BONIFAZI, C. *L'immigrazione straniera in Italia*. Bologna: Il Mulino, 2007.
- <sup>41</sup> DE FILIPPO, E. La componente femminile dell'immigrazione. In: PUGLIESE, E. (a cura di). *Rapporto immigrazione. Lavoro, sindacato, società*. Roma: Ediesse, 2000. p. 47-63.
- <sup>42</sup> ASSIS, G. de Oliveira. “De Criciúma para o mundo”: gênero, família e migração. *Revista Campos*. Curitiba: UFPR, 2003. p. 33-49.
- <sup>43</sup> CASTLES, S. Le migrazioni del ventunesimo secolo come sfida per la sociologia. *Rivista Mondì Migranti*, Milano: Franco Angeli, n. 1, 2007. p. 13-40, p. 26.
- <sup>44</sup> DECIMO, F. *Quando emigrano le donne*. Bologna: Il Mulino, 2005. p. 27.
- AMBROSINI, M. Gli immigrati stranieri in lombardia: tra funzionalità economica e difficile cittadinanza. *Politiche del Lavoro*, n. 21, Milano, 1992.
- ASSIS, G. de Oliveira. De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração. *Revista Campos*, Curitiba: UFPR, p. 33-49, 2003.
- BAUMAN, A. *La solitudine del cittadino globale*. Milano: Feltrinelli, 2000.
- \_\_\_\_\_. *La società dell'incertezza*. Bologna: Il Mulino, 1999.
- BERTAGNA, F. *Immigración y “retornados” de la Argentina em Italia desde uma perspectiva regional: política y representación em el Véneto (2001-2004)*. Texto para discussão (não publicado).
- BONIFAZI, C. *L'immigrazione straniera in Italia*. Bologna: Il Mulino, 2007.
- CASTLES, S. Le migrazioni del ventunesimo secolo come sfida per la sociologia. *Rivista Mondì Migranti*, Milano: Franco Angeli, n. 1, p. 13-40, 2007.
- CORSI, M.; GUELFY, A. *L'Italia invisibile*. Roma: Press University, 2007.
- DE FILIPPO, E. La componente femminile dell'immigrazione. In: PUGLIESE, E. (a cura di). *Rapporto immigrazione. Lavoro, sindacato, società*. Roma: Ediesse, 2000. p. 47-63.
- DECIMO, F. *Quando emigrano le donne*. Bologna: Il Mulino, 2005.
- DIAMANTI, I.; MARINI, D. *Nord Est 2001*. Rapporto sulla società e l'economia. Venezia: Fondazione Nord Est, 2001.
- GIDDENS, A. *Il mondo che cambia*. Bologna: Il Mulino, 2000.
- HELLER, A. *Dove siamo a casa?* Milano: Franco Angeli, 1998.

- KAWAMURA, L. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Unicamp, 2003.
- LISBOA, T. K. Gênero emigrações, trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadores domésticas. *Revista REMHU*. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Ano XIV, n. 26/27, p. 151-166, 2006
- MARTINE, G. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005.
- MUSCARA, L. Il mondo in diaspora. *Revista de Geopolítica Italiana*, Roma, n. 4, p. 63-74, 2007.
- PASTORE, F. La paranoia dell'invasione e il futuro dell'Italia. *Rivista Italiana di Geopolítica...*, p. 23-34, 2007.
- PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados* 20, (57), São Paulo: USP, p. 7-24, 2006.
- PAVIANI, J. *Globalização e humanismo latino*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- RAMOS, P. S. *Hospitalidade e migrações internacionais*. O bem receber e o ser bem recebido. São Paulo: Aleph, 2003.
- ZANFRINI, L. *Sociologia delle migrazioni*. Roma-Bari: Laterza, 2006.
- ZANINI, M. C. C. Identidades negociadas: a ítalo-brasilidade na Região Central do Rio Grande do Sul. In: SEYFERTH, G. et al. (Org.). *Mundos em movimento: ensaios sobre migrações*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007. p. 337-355.
- ZINCONE, G. (a cura di). *Familismo legale: come (non) diventare italiani*. Roma-Bari: Laterza, 2006.